

SELO
CONEXÃO LITERATURA

VOL. VI

POEMAS FLORAIS

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

*"Uma coletânea onde cada poema é
uma pétala de sensibilidade."*



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-65546-8
2025
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

AS ROSAS DE MEU QUINTAL, POR AZUL, PÁG. 05
POEMA COMUM, POR CELSO RUBENS, PÁG. 07
GIRASSOL, POR CELSO RUBENS, PÁG. 09
PLANTAR FLORES, POR CELSO RUBENS, PÁG. 11
FLORES DA POESIA, POR CELSO RUBENS, PÁG. 13
PERFUME DE ROSAS, POR CRISTINE POMBO, PÁG. 15
A IMENSIDÃO DAS FLORES, POR ELZITA FERREIRA VIDAL, PÁG. 17
O DESENHO DO DIA, POR ELZITA FERREIRA VIDAL, PÁG. 19
PAISAGENS, POR ELZITA FERREIRA VIDAL, PÁG. 21
A PERFEIÇÃO DO CRIADOR, POR ELZITA FERREIRA VIDAL, PÁG. 23
FLORES, POR ELZITA FERREIRA VIDAL, PÁG. 25
A MAGIA DAS FLORES, POE ÉRICA DUELE ZINATO, PÁG. 27
JARDIM DOS POETAS, POR FLÁVIO JOPPERT, PÁG. 30
FLORES, POR GABRIEL SARAVEL, PÁG. 32
CHEIRO DA FLOR, POR HPFILHO, PÁG. 34
ROSA DO DESERTO, POR JACY COUTO JÚNIOR, PÁG. 36
ANABOLISMO, POR LUIZ EDUARDO ROMANO, PÁG. 38
MÉDICOS SÃO COMO ÁRVORES..., POR MARCIA REGINA NOGOCHALE BONETI, PÁG. 40
MERI, POR MARCIA REGINA NOGOCHALE BONETI, PÁG. 42
ONZE HORAS, POR MARCIA REGINA NOGOCHALE BONETI, PÁG. 46
FLORES DE DONA ROSA, NOME DE FLOR, POR MARCIA REGINA NOGOCHALE BONETI, PÁG. 48
AMOR EM FLOR, POR MARCIA REGINA NOGOCHALE BONETI, PÁG. 51
CARTA DE CLÍZIA A HÉLIO, POR MARIA MONFRINATI, PÁG. 54
JACANÃ, POR MARIA MONFRINATI, PÁG. 56
JARDIM DA MINHA INFÂNCIA, POR MIKAELY DAITENSHI, PÁG. 59
A LINGUAGEM DAS FLORES, POR NEYREID MALTAURO, PÁG. 62
DENTE DE LEÃO, POR NIA, PÁG. 65
FERIDA EM FLOR, POR RACHEL CARVALHO, PÁG. 67
GALANTEIO, POR RODOLFO GUIMARÃES NEVES, PÁG. 69
À MINHA VOLTA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 72
A DANÇA DAS FLORES, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 74
MARGARIDAS... COMO EU, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 76
SÓ SIMPLICIDADE?!, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 78
AS FLORES DO MEU JARDIM, POR VERA RIBEIRO, PÁG. 80
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 83

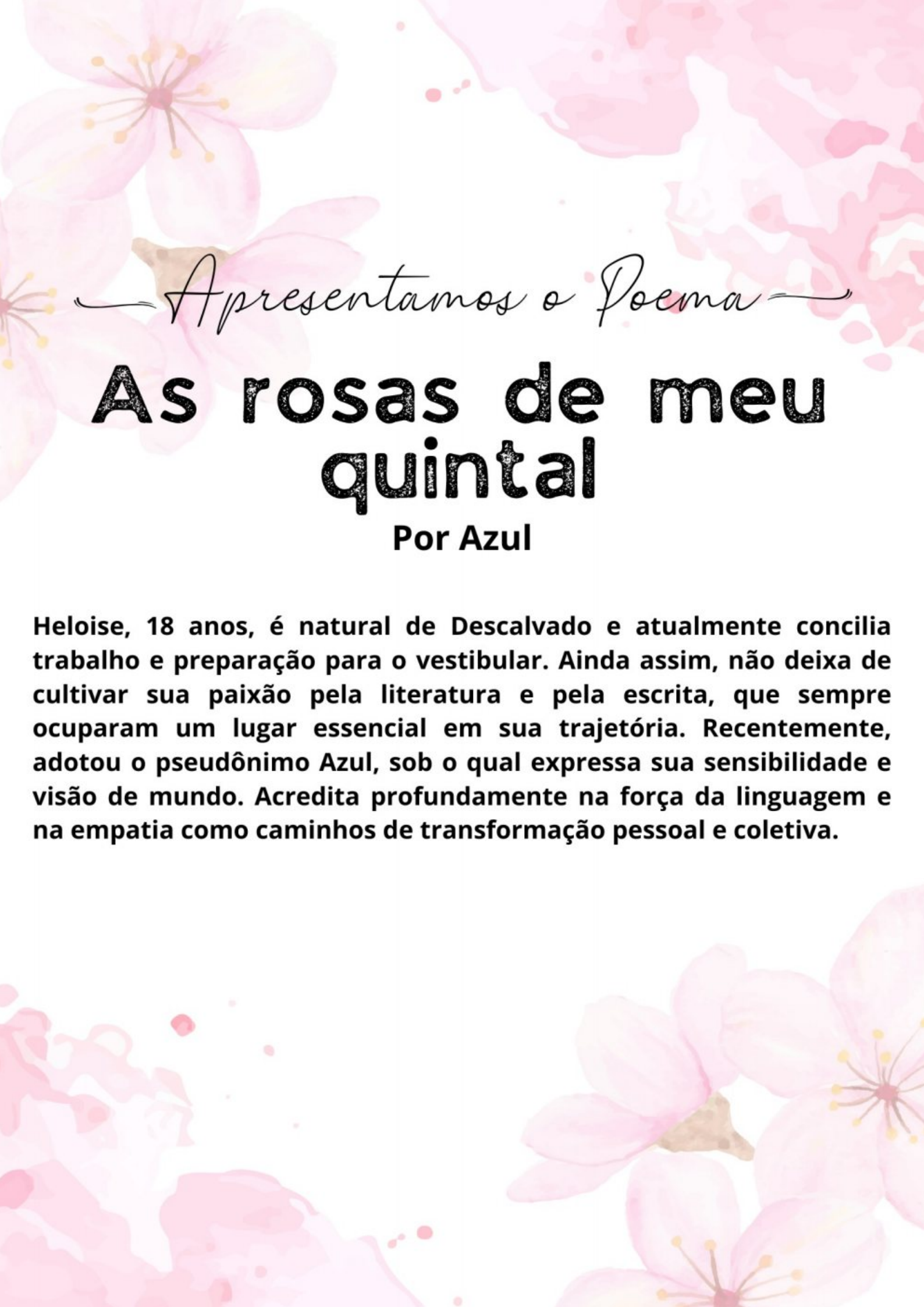
SELO
CONEXÃO LITERATURA

VOL. VI

POEMAS FLORAIS

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR



The background of the entire page is a soft, watercolor-style illustration of pink cherry blossoms. The flowers are in various stages of bloom, with delicate petals and visible stamens. The colors range from light pink to a slightly deeper shade, creating a gentle and romantic atmosphere.

— Apresentamos o Poema —

As rosas de meu quintal

Por Azul

Heloise, 18 anos, é natural de Descalvado e atualmente concilia trabalho e preparação para o vestibular. Ainda assim, não deixa de cultivar sua paixão pela literatura e pela escrita, que sempre ocuparam um lugar essencial em sua trajetória. Recentemente, adotou o pseudônimo Azul, sob o qual expressa sua sensibilidade e visão de mundo. Acredita profundamente na força da linguagem e na empatia como caminhos de transformação pessoal e coletiva.

As rosas de meu quintal conversam comigo.

Elas me enchem o peito,

Me chamam de amigo.

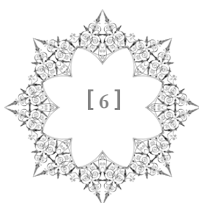
Quiçá não saibam disso, mas toda vez que as ouço,

É aberta uma ferida em mim.

As rosas despertam minha curiosidade de entrar em meio a elas e me sentir como uma.

Porém, após ter minha conversa junto delas, me sinto esgotada.

Elas não sabem, mas me rasgam tanto com seus espinhos que meu sangue todo vaza e já não é suficiente.





— Apresentamos o Poema —

Poema comum

Por Celso Rubens

**Médico há 60 anos, sempre gostou de Poesia e de Literatura.
Começou a coletar e escrever Poemas, com 81 anos.
Tem centenas de poemas curtos, guardados, sobre diversos temas.
Nunca publicou.**



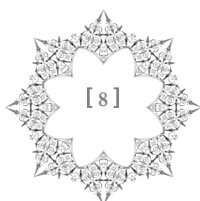
Fiz um poema comum,
com palavras comuns.
Não gostei e joguei-o pela janela.

Um vento que passava gostou,
abraçou-o com carinho
e com cuidado, levou o meu pobre poema,
para um cantinho do céu.

Nuvens carregadas de chuva
molharam as minhas palavras
e o meu poema voltou,
como gotas, ao chão.

A terra gostou!
Abraçou- o com amor
e de cada sílaba fez
brotar uma flor!

Nasceu então uma Poesia
feita de jardins, aromas e cores,
que só agora, pude descobrir
que morava no pobre
Poema que fiz!





— Apresentamos o Poema —

Girassol

Por Celso Rubens

Médico há 60 anos, sempre gostou de Poesia e de Literatura.

Começou a coletar e escrever Poemas, com 81 anos.

Tem centenas de poemas curtos, guardados, sobre diversos temas.

Nunca publicou.



Oh!

Pobre flor...

Tarefa obrigatória de cada dia,
ficar girando o pescoço, em vão,
acompanhando o rei Sol,
com torturantes torcicolos,
durante todo o verão!

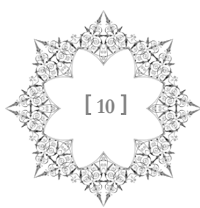
Sofre de muito sofrer ...

Várias centenas de abelhas barulhentas,
zum- zum-zunindo, nos seus ouvidos,
ensurdecendo-lhe o canto dos pássaros...
Além disso, muita dor agulhante
dos agudos bicos atrevidos
de dezenas de beija- flores!

UFA!!!

Exclama a flor...

— As coisas se aclamam, para mim, com o suspiro da noite.
— Sem o sol, sem abelhas e sem os beija-flores, encontro a Paz.
— Posso ao menos, ouvir os pássaros noturnos a brincar com o silêncio!
— Posso mesmo sonhar que seria um machadiano vagalume,
ou * se for melhor para o poema*,
me transformar
na deslumbrante estrela Dalva!





— Apresentamos o Poema —

Plantar flores

Por Celso Rubens

Médico há 60 anos, sempre gostou de Poesia e de Literatura.

Começou a coletar e escrever Poemas, com 81 anos.

Tem centenas de poemas curtos, guardados, sobre diversos temas.

Nunca publicou.



Hoje eu vou plantar flores;
vou mesmo, plantar flores!

Rosas, Violetas e Jasmim...

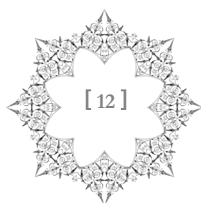
Mas não vou semeá-las na terra
e nem em qualquer jardim.

Vou plantá-las nas nuvens,
em todas as nuvens!

Rosas, Violetas e Jasmim...

Para que sempre que chova,
Chovam pétalas em mim!

Rosas, Violetas e Jasmim!





— Apresentamos o Poema —

Flores da poesia

Por Celso Rubens

Médico há 60 anos, sempre gostou de Poesia e de Literatura.

Começou a coletar e escrever Poemas, com 81 anos.

Tem centenas de poemas curtos, guardados, sobre diversos temas.

Nunca publicou.

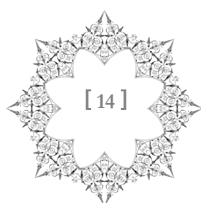


Em perfeitas fileiras paralelas,
lavro esta folha, ainda em branco,
com a cortante ponta da caneta.

Nestes sulcos cavados,
semeio letras e palavras.

Rego-as com todo o carinho,
na expectativa angustiante
de que ali, logo aflorem,
tenras frases verdejantes.

Que venham delas nascer,
com desejada esperança,
magníficas Flores da Poesia!



The background of the entire page is a soft, artistic illustration of pink cherry blossoms. The flowers are in various stages of bloom, with delicate petals and visible stamens. The colors range from light pink to a deeper rose hue, with some darker pink spots scattered around, suggesting falling petals or watercolor splatters. The overall feel is gentle and romantic.

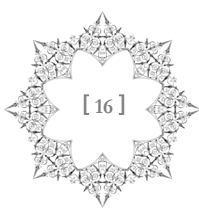
— Apresentamos o Poema —

Perfume de rosas

Por Cristine Pombo

Sou psicóloga clínica há quase 20 anos, psicoterapeuta reichiana, escritora, escrevo desde menina, consteladora familiar e thetahealer. Guiada pela prática espiritual extensa, sigo aprendendo e escrevendo.

A lágrima é salgada, sou um pedacinho, parte do mar.
O oceano inteiro. Toda lágrima se integra à natureza.
A lágrima salgada é o mar a desaguar.
Chorar - choro, emoção e vazão.
Tirar os pesos do coração. Alívio e clarão!
O barco no mar embarca no meu coração.
Tudo em forte fusão. Encontro comigo em você.
Como o encontro do rio e o do mar.
Se numa gota do oceano já contém amor.
Imagina o oceano inteiro.
Viver esse rezo que é amar a vida.
Acreditando que amar não é sofrer.
Afinal, o sinônimo do amor é amar você.
E me amar, abraçando a união com o mar.
Amar o mar em você é amar o mar.
Que transborda toda vez, lágrima e poesia.
Amar você é pura essência com perfume de rosas.
Jardim cuidado, banho de mar ou de rio gelado.
Encontro do rio e do mar.
Que celebra o muito e a abundância do amor.
Nesse encontro, nessa dança de ser rio e mar.
Ser água, ser esperança, fé e amor.
Ser inteiro como o aroma da flor.
Mar, amor, sempre amor!





— Apresentamos o Poema —

A imensidão das flores

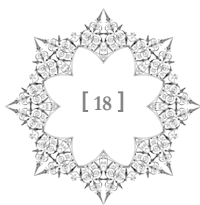
Por Elzita Ferreira Vidal

Com 67 anos de vida, ela percorreu o caminho de sabedoria e criatividade, cursando Engenharia Civil e Mestrado em Meio Ambiente na UEFS. Seus poemas são uma janela para o seu mundo, onde o cotidiano se transforma em arte e poesia.



Em meio a tanta beleza
os meus olhos eternizam as folhas da ingazeira que escondem segredos
nesta paisagem encantada com tantos risos e outras magias
onde enxergamos a beleza entre esconderijos e flores tropicais.

Com os olhos cheios de luz e uma beleza colorida
vou desfolhando meus sonhos
e esqueço as horas nesta vasta imensidão de flores entrelaçadas que nos espiam
pois elas **possuem vida**.





— Apresentamos o Poema —

O desenho do dia

Por Elzita Ferreira Vidal

Com 67 anos de vida, ela percorreu o caminho de sabedoria e criatividade, cursando Engenharia Civil e Mestrado em Meio Ambiente na UEFS. Seus poemas são uma janela para o seu mundo, onde o cotidiano se transforma em arte e poesia.

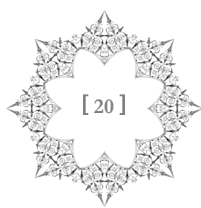


O barulho do vento
quebra a monotonia do silêncio e dos fantasmas.

E uma pequena flor na beira do caminho desenha o meu dia e multiplica a vida.

Ah! querida natureza!
Sua beleza produz transparência e projeta a essência da vida em minha alma.

No final da tarde a cor do sol cintila nas curvas da estrada,
e uma flor em forma de poesia com gosto de mel e verão
representa a beleza da vida com arte.





— Apresentamos o Poema —

Paisagens

Por Elzita Ferreira Vidal

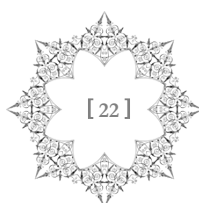
Com 67 anos de vida, ela percorreu o caminho de sabedoria e criatividade, cursando Engenharia Civil e Mestrado em Meio Ambiente na UEFS. Seus poemas são uma janela para o seu mundo, onde o cotidiano se transforma em arte e poesia.



De braços estendidos
trago a brancura do dia costurada na bainha da minha saia
e as paisagens mortas no dia anterior.

Como lembrar do azul esquecido,
de todos os silêncios futuros,
do teu sorriso que quebra o meu silêncio
e das escadas que me levam ao paraíso?

Aqui, a chuva miúda molha o parque abandonado, o girassol,
e todas as horas que tenho para sonhar.
Por isso, quero vestir as paisagens com flores
e jogar o meu sorriso imperfeito **no abismo do nada.**





— Apresentamos o Poema —

A perfeição do Criador

Por Elzita Ferreira Vidal

Com 67 anos de vida, ela percorreu o caminho de sabedoria e criatividade, cursando Engenharia Civil e Mestrado em Meio Ambiente na UEFS. Seus poemas são uma janela para o seu mundo, onde o cotidiano se transforma em arte e poesia.



Observo de longe a beleza das flores.
E quanta perfeição na obra do Criador!

A pontualidade das onze horas,
o sorriso das bougainvilleas
a procura das flores de girassol pela claridade
a pureza da dama da noite
e a eterna definição das estações.

Oh! natureza perfeita que me ensina a apreciar o belo,
que enfeita as horas mais difíceis e as mais alegres.

Quanta dualidade e paradoxo!

E eu na minha pequenez observo lá longe as minhas emoções
que desabrocham como as flores **todos os dias**.





— Apresentamos o Poema —

Flores

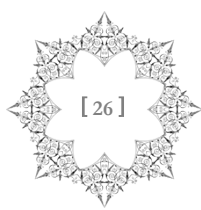
Por Elzita Ferreira Vidal

Com 67 anos de vida, ela percorreu o caminho de sabedoria e criatividade, cursando Engenharia Civil e Mestrado em Meio Ambiente na UEFS. Seus poemas são uma janela para o seu mundo, onde o cotidiano se transforma em arte e poesia.



A paisagem nos traz uma proposta de alegria
que se inaugura com luzes, flores, gestos
e onde viajamos em seus mistérios como histórias,
como sonho, como asas, como a cor do arco-íris
e dá a cor ao amanhecer.

Entre orvalhos, aromas, doçura, e as folhas das árvores
escondemos beijos, afetos, o sabor da paixão
como folha, como planta, como raiz
pois são as flores que incendeiam as estações!





— Apresentamos o Poema —

A magia das flores

Por Érica Duele Zinato

Érica Aparecida Duele de Avelar Zinato, nasceu no dia 05/03/1988 em Rio Casca-MG, mora atualmente em Patos de Minas-MG. É professora da rede estadual de Minas Gerais. É escritora do livro “Histórias de Famílias”, uma bibliografia de suas origens. Participou como coautora da Antologia “Viva Poesia 2024”, da editora Lura com o seu poema “Casa de passarinho” na Bienal do Livro 2025, no Rio de Janeiro. Ela se descobriu como poetisa, levando a arte de encantar os corações através das rimas para todas as idades. E tem novos projetos na literatura infantojuvenil.



As flores possuem encantamento!
Lembro-me delas a todo momento.
A primeira vez, nunca esquecerei:
Rosas! Ganhei dos meus pais quando debutei.

Ah, o radiante girassol!
Minhas flores favoritas.
Trazem –me tantas lembranças lindas!
Foi meu buquê no dia mais feliz da minha vida!

Ah, quantas flores ganhei do amado
No dia dos namorados
Uma pena elas não durarem muito
Mas meu amor por você é infinito

Uma rosa colhida no jardim eu ganhei,
De uma amiga querida, que contei:
Decidi que nos planos de Deus confiarei,
Para florir no meu jardim mais uma vez!

Ah, Baganvílias!
Como me traziam alegrias!
Foi a resposta que esperaria,
Ter meu bebê! Deus permitiria!

Quando descobri a boa notícia,
Ofertei flores à Santa Maria!
Em cada injeção na barriga,
Consagrando nossas vidas!

Ah, o vermelho lampião!
Trazidos pelas pequeninas mãos

Apanhados na rua
Essas são as mais puras
Vindo do coração de uma criança.

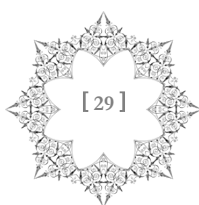
E as Orquídeas! Tem seus valores!
São raridades suas flores.
Tenho delas de muitas cores,
Ganhei no dia das mães dos meus amores!

Os cactos, tenho coleção!
Amo de paixão!
Parece que não precisa de cuidados.
Engana-se! São bem delicados!

Minha flor do deserto!
Converso para ela florescer.
É tão linda suas flores rosas!
Abrem ao amanhecer.

Também tenho suculentas,
Com folhas variadas.
São tão perfeitas!
Olhos para elas, admirada!

E no dia que partirei,
As flores eu terei,
Só que dessa vez,
Serei o beija-flor!





— Apresentamos o Poema —

Jardim dos poetas

Por Flavio Joppert

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

“Esta é para Jacob Rodrigues Pereira”

um certo poeta errante,
autor de poemas perfeitos,
diante do espelho só via
de sua obra a clara magia.

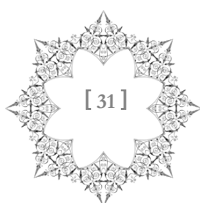
De poemas belos encantos,
faria da menina muda
a bela voz por falar.
Timbre de canto lhe dando.

De sílaba em sílaba,
do verso em verso,
com aulas na sala
jardim do universo.

Frutos como poema,
teu doce escutar.
Sonante paladar
de teus lábios tema.

A obra conclusa em tom,
de teu canto prisioneiro.
Um canto suave dum
rouxinol no cativeiro...

“Tal o Jardim dos Heraldistas a poesia enfeita a vida com mistérios e significados como um Jardim dos Poetas”



A soft, watercolor-style illustration of pink cherry blossoms is scattered across the page, primarily in the corners. The blossoms have delicate petals and visible stamens, creating a gentle, spring-like atmosphere.

— Apresentamos o Poema —

Flores

Por Gabriel Saravel

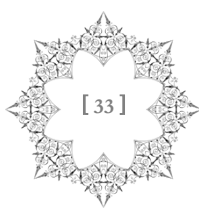
José Gabriel é um jovem cristão de 19 anos nascido na cidade do Rio de Janeiro, em Santa Cruz. Atualmente mora em Resende com sua família e cursa Design Gráfico. Gosta de desenhar, tocar bateria, jogar xadrez, futebol e expressar seus sentimentos através da poesia.

Parem de queimar
As minhas doces flores
De roubar suas cores
E de causar muitas dores

As árvores da pátria
Clamam por ajuda
A fumaça destrói
Não há ninguém que as acuda

Acorda meu Brasil
Que volte a alegria que partiu
O tesouro
a folha que caiu

Que o seus valores
Brilhem como seus alvares
Que sumam os meus pavores
Pois nossos lindos campos têm mais flores.





— Apresentamos o Poema —

Cheiro da flor

Por Hpfilho

HPfilho, nascido em Viçosa/AL, Filho de Heliodoro e sua cara metade Jovita que são de Quebrangulo/AL terra natal do grande escritor Graciliano Ramos, manifesto em minhas obras os sentimentos mais profundos e seus enfrentamentos cotidianos, adoro a cultura, sobre a nordestina, o São João e o Carnaval avivam a minha alma, agradeço e dedico a minha família e a Deus por me dar forças a continuar dançando a melodia.

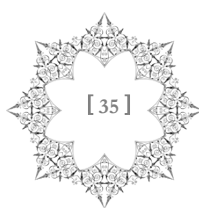


A flor do dia
Que abriu daquela roseira
Achou um beija flor
A passarinhar.

De intenso e meigo foi esse encontro
Que seus corações encheram de alegria,
Apaixonados, alimentavam-se
De momentos de felicidade e prazer.

E veio o cerco da borboleta,
Com seu álibi silencioso,
Em cima da flor pousar
E o néctar daquele amor, sugar.

Sem a fonte da ternura do acasalamento,
O cheiro da flor não tinha mais a doçura,
E o beija flor perdia sua paixão
Para borboleta que deixou a flor devorada.





— Apresentamos o Poema —

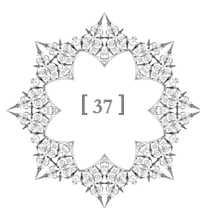
Rosa do deserto

Por Jacy Couto Júnior

Nascido a 6/04/1960 no, então, Distrito Federal, cresceu acostumando-se a mudanças. Homem do permanente tempo atual, sabe reconhecer as permanências, entre elas a beleza da natureza. Pai e avô, entende que sua alma deve extravasar nas palavras como exemplo às futuras gerações. Esse é Jacy.



Frágil vida
que me dá forças
com teus contornos
e luzes coloridas;
entras em mim
como o amor entra:
uma beleza vista pela alma.
Embevecido ponho-me
a olhar-te,
cheirar-te,
tocar-te
suavemente;
vendo sagrada a vida
que de ti escapa.
Serás rainha de três dias
ou pouco mais,
mas serás.
Neles sempre virei a ti:
súdito de tua riqueza,
que não encontro
em outro lugar.
Esse canto
será teu trono
a atrair sol,
chuva e vento,
como a mim,
que encontrei em ti
a eternidade de um momento.





— Apresentamos o Poema —

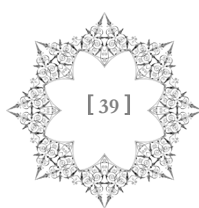
Anabolismo

Por Luiz Eduardo Romano

Luiz Eduardo Romano, nasceu em 04 de setembro de 1964, na cidade de São Carlos/SP, tem 60 anos, é casado, pai de dois filhos, formado em Direito, funcionário do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo desde 1982. Iniciou suas atividades profissionais aos 15 anos idade, trabalhando como jornalista iniciante, o chamado foca, no Jornal “Correio de São Carlos”, até seu fechamento.



A noite envolveu com seu escuro véu o bucólico jardim do sol.
As rosas vermelhas e as rosas brancas esqueceram-se das desavenças,
harmonizaram-se num simbólico arranjo de paz.
As rosas amarelas festejaram o pitoresco encontro.
A dama-da-noite não desabrochou. O buque apaixonado ficou cheio.
Foi dormir sem dar ouvidos.
A azaleia secou de inveja, mas não atrapalhou o romance.
Gardêneas e margaridas apresentaram-se sob a luz do luar para uma multidão de insetos
que aplaudiu em pé tamanha maravilha.
As prímulas foram jantar fora. Esticaram a noite. Voltaram com a flor das quatro horas.
Os girassóis não conseguiram acompanhá-las. Desmaiaram sobre a natureza morta de um
tal Van Gogh.
A rosa branca anunciou o dia toda despetalada.
A violeta, numa demonstração de amizade, acolheu-a em sua casa, juntamente com a leal
melissa. Tomaram chá de jasmim e partiram em busca de regeneração no canteiro de
açucena.
O bucólico jardim do sol, indiferente, despediu-se da noite e foi vangloriar-se de seus
atributos junto às sereias do chafariz.
O assíduo jardineiro compareceu ao trabalho, radiante, agradecido por mais um dia de
vida, envaidecido pela obra mirabolante produzida pelo singelo toque de suas mãos.





— Apresentamos o Poema —

Médicos São Como Árvores...

Por Marcia Regina Nogochole Boneti

Marcia Regina Nogochole Boneti, nascida em São José dos Pinhais – PR, é Pedagoga e Psicóloga, atua há 40 anos na área educacional. É amante dos livros, paisagens bucólicas, mar e montanhas.

Temas recorrentes em suas escritas, são: o amor, a amizade, o tempo, as flores, a morte, a saudade, entre outro(a)s.



As árvores, de acordo com sua espécie:

- Levam alguns anos para se formarem;
- Precisam de ambiente adequado para florescerem;
- São acolhedoras;
- Trabalham vinte e quatro horas por dia;
- Precisam de sol;
- Através de si, contribuem às vidas dos que estão próximos, e até às distantes;
- Sofrem com as tempestades;
- Choram quando são machucadas;
- Às vezes são cortadas injustamente;
- Podem ficar doentes;
- Envelhecem, morrem;
- Tem pode curativo;
- Fornecem o ar que respiramos;
- Dão formação às novas árvores;
- Nem sempre são reconhecidas;
- A maioria das pessoas nem lembra que elas existem e são muito importantes;
- Enquanto estamos bem, não sentimos sua falta;
- No silêncio das suas existências, embelezam o mundo e precisam ser preservadas!

Nas Mãos do Criador, semelhanças entre árvores e médicos,

Não deve ser mera coincidência.





— Apresentamos o Poema —

Meri

Por Marcia Regina Nogochale Boneti

Marcia Regina Nogochale Boneti, nascida em São José dos Pinhais – PR, é Pedagoga e Psicóloga, atua há 40 anos na área educacional. É amante dos livros, paisagens bucólicas, mar e montanhas.

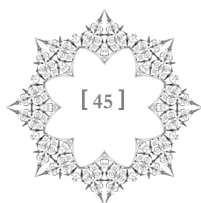
Temas recorrentes em suas escritas, são: o amor, a amizade, o tempo, as flores, a morte, a saudade, entre outro(a)s.



E então, chegaram
Tia Gina e Tio Sete
Na casa da minha infância.
Com seus sete filho(a)s.
Eram sete crianças,
Minha mãe contou seis.
Cadê uma criança?
E lá estava você Meri;
Sozinha, em pranto,
No jardim,
Um lugar diferente,
Estranho para você.
Tão pequenina,
Tão lindinha, e
Frágil.
Aparentemente frágil.
Me lembro de seus
Sonhos com
Jardins gramados
Flores e lagos
Pela lua prateados.
Do seu gosto
Pelo mar, e por andar
Sentindo a brisa
Suave, a liberdade
De ser o que sempre
Quis ser,
Simplesmente.
Sem nada pedir,
Sem julgar,
Nem exigir.
Menina que adulta,

Assumiu o medo,
E suas consequências.
Me mostrou ter fibra,
Coragem e fé,
Sobretudo amor
Solidário, inocente,
Sem limites.
E agora, dos sete primo(a)s já adultos,
Cadê você?
Há pouco ouvi sua
Voz, e já faz um mês
que não estás
Mais aqui.
Entretanto,
Não está sozinha
Mas com algumas
Pessoas que outrora
A procuraram no
Jardim da casa
Dos meus avós.
E que, agora
A encontram,
Num lugar que reconhece,
Que é seu,
Lugar dos seus
Sonhos:
Sem sofrimento,
Sem medo.
Madura,
Segura,
Serena.
Entre os jasmims,
E serafins

Da casa celestial.





— Apresentamos o Poema —

Onze horas

Por Marcia Regina Nogochale Boneti

Marcia Regina Nogochale Boneti, nascida em São José dos Pinhais – PR, é Pedagoga e Psicóloga, atua há 40 anos na área educacional. É amante dos livros, paisagens bucólicas, mar e montanhas.

Temas recorrentes em suas escritas, são: o amor, a amizade, o tempo, as flores, a morte, a saudade, entre outro(a)s.



Pequenina flor
Doce e cristalina
Pura e singela
Abre-se com o calor dos raios
Do sol.
Esboça sorrisos,
Provoca emoções
Enche de paz os corações
Das pessoas
Que passam
Às vezes, apressadas
E talvez, angustiadas.
Elas, olham para o jardim
a veem:
És encantadora
Espectadora,
Das dores e esperanças
Dos passantes.
À tarde, descansa
Fechando as delicadas pétalas.
Deus a criou
Simplesmente bela
Porque sabia
Que sua presença discreta
A todos daria,
Mais alegria
Durante o dia.



The background of the entire page is a soft, watercolor-style illustration of pink cherry blossoms. The flowers are in various stages of bloom, with delicate petals and visible stamens. The colors range from light pink to a slightly deeper shade, creating a gentle and romantic atmosphere.

— Apresentamos o Conto —

Flores de Dona Rosa, Nome de Flor

Por Marcia Regina Nogochole Boneti

Marcia Regina Nogochole Boneti, nascida em São José dos Pinhais – PR, é Pedagoga e Psicóloga, atua há 40 anos na área educacional. É amante dos livros, paisagens bucólicas, mar e montanhas.

Temas recorrentes em suas escritas, são: o amor, a amizade, o tempo, as flores, a morte, a saudade, entre outro(a)s.

Dona Rosa e Senhor Tomaz, eram os donos do armazém na terra onde nasci, Cachoeira, em São José dos Pinhais – PR. O armazém deles, no início da década de 1970, se não era o único, era o mais próximo de onde residíamos, onde meu avô comprava salsicha rosa e jogava bocha com os amigos.

Eram um casal muito simpático, nossos vizinhos, e avós das crianças mais próximas à mim, na minha infância. Assim, nessa interação a comunidade era uma extensão da própria família. Os adultos cuidavam de mim, como se eu fosse um de seus filhos ou netos. A comunidade era uma rede de proteção e acolhimento. E é esse sabor de comunidade que hoje me faz feliz onde atualmente residimos, mesmo longe da comunidade de origem.

Nunca mais esqueci, a delicadeza do casal em me receber, quando bati à sua porta para fazer uma entrega que minha avó havia pedido. Fiquei admirada por encontrá-los juntinhos e felizes, tomando o café da tarde. Uma cena que marcou minhas observações infantis acerca da vida adulta. Também, os encontros de orações e ensaios de cantos às vésperas das Festas na Capela da Comunidade, geralmente no período de Páscoa e mês de outubro. Muitos desses encontros, eram realizados na casa desse casal, pois eram seus filhos que participavam, além da minha família. Suas netas, vigiadas com certo controle, mas com a autorização dos avós, conseguiam retirar do armazém, pacotes de suspiros e biscoitos de polvilho, para brincarmos de “hóstia” nas nossas “missas” de criança, brincadeira na qual havia um revezamento para que cada criança tivesse sua vez como celebrante.

Ao lado do armazém, Dona Rosa tinha uma bela horta, contornada por belas roseiras, junto a um jardim com outras flores.

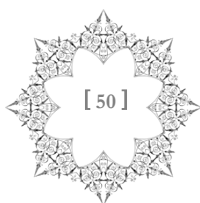
Quinze dias após a grande neve, que tomou conta de toda Curitiba e região metropolitana, meu pai faleceu, e eu lembro que eu queria ir ao seu enterro levando flores, mas havia poucas flores no jardim da minha avó. Fui então à casa das minhas amigas, netas da dona Rosa. Lá também as flores estavam todas queimadas pela neve. Lembraram então, do jardim da “avó Rosa”. Ela nos recebeu com carinho e entusiasmo. Compadecida e terna, me acolheu, oferecendo as poucas flores que sobreviveram no seu belo jardim. Suas camélias brancas, juntaram-se às camélias cor de rosa da minha avó, num belíssimo buquê. E, Dona Rosa, conseguiu uma ou duas rosas também: Rosas da Dona Rosa (a mulher que tinha nome de flor). Assim, com o carinho de Dona Rosa,

participei do cortejo fúnebre do meu pai, levando àquele buquê de flores no trecho entre o velho casarão onde nasci até a Capela Nossa Senhora dos Milagres.

Na época da pandemia do covid, coincidentemente bem próximo de fazer 47 anos da grande neve, recebi uma mensagem de uma das minhas amigas, filha do comerciante, me informando que seu pai faleceu.

Recordo dele com saudade e respeito, assim como recordo dos pais dele: Dona Rosa e Sr. Tomaz.

Certamente, o casal acolheu com alegria, a nova flor que nasceu junto deles, nos jardins do paraíso.





— Apresentamos o Poema —

Amor em Flor

Por Marcia Regina Nogochale Boneti

Marcia Regina Nogochale Boneti, nascida em São José dos Pinhais – PR, é Pedagoga e Psicóloga, atua há 40 anos na área educacional. É amante dos livros, paisagens bucólicas, mar e montanhas.

Temas recorrentes em suas escritas, são: o amor, a amizade, o tempo, as flores, a morte, a saudade, entre outro(a)s.



Era uma vez, em uma região do Estado do Paraná, Brasil, um menininho que, aos onze anos, foi morar em um seminário.

Lá ele estudava, contribuía nos trabalhos e rezava.

A cada dia que passava, ele olhava a janela que dava para o horizonte e se perguntava:

— Qual será o meu caminho?

Assim, ele olhava para seu passado, para a terra natal que havia deixado, para as pessoas que o rodeavam. Assim, dias e noites iam passando.

Apesar de ser um seminarista, esse menininho era cobiçado por muitas meninas.

Enquanto isso, numa outra região do mesmo Estado, uma outra menina: estudava, trabalhava e rezava, também se perguntando:

— Qual será o meu caminho?

A menina também escrevia versinhos infantis, sonhando com um grande amor, simples e especial, que se encontrava no coração daquele menininho lá do seminário.

Mas,

Ela não o conhecia, Nem ele, a ela.

Então, ela olhava pela janela do seu quarto e ficava imaginando como ele seria:

— Quem será?

— Onde estará?

— Que Deus o abençoe desde já, dirija seus passos e ilumine seus pensamentos.

Mas, parecia demorar tanto para chegar a hora de conhecê-lo.

— Oh, Deus! Quero ver o rosto dele.

E o tempo continuou passando.

Cada folha de outono que caía, era sinal de esperança que a primavera um dia iria chegar, após as geadas do inverno, trazendo-o no broto de uma flor.

E, mais um outono se ia, mais um inverno, mais uma primavera vinha, e mais o calor do verão.

Até que um dia, que era para ser pura rotina, (a hora tão esperada) “inesperadamente”, aconteceu!

Ela ouviu, pelo telefone, a voz do menininho. Não com a intenção de conhece-lo, mas porque ambos se direcionavam no sentido de ajudar uma pessoa que era amigo dele e primo dela.

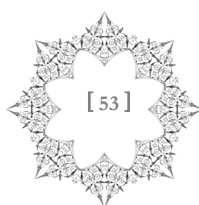
Por causa disso, se conheceram no pronto-socorro de um grande hospital.

Aconteceu há décadas.

Nesse tempo, muitas flores e espinhos no caminho deles.

Vivem um só caminho, que antes, eram dois.

Assim, a caminhada é mais suave e bela.



The background of the entire page is a soft, artistic illustration of pink cherry blossoms. The flowers are in various stages of bloom, with delicate petals and visible stamens. The colors range from light pink to a deeper rose, with some darker pink spots scattered around, suggesting falling petals or ink splatters. The overall feel is romantic and gentle.

— Apresentamos o Poema —

Carta de Clízia a Hélio

Por Maria Monfrinati

Maria Monfrinati tem 32 anos, é brasileira, vive na Itália há dez anos. A paixão pela escrita sempre esteve presente em sua vida, mas foi nos últimos anos que amadureceu e ganhou espaço. Ao transformar sentimentos em palavras, encontrou nos poemas, pensamentos e textos aleatórios uma forma de dar voz ao coração. Para ela, na escritura é necessário ser paciente, tudo tem o seu tempo: o tempo de tomar consciência, o tempo de criar coragem e o tempo de finalmente escrever.

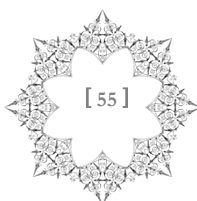
Caro Hélio,
Tanto tempo se passou desde que me cativaste,
Desde que, com palavras de puro amor, me arrebataste.
Desde então, amado Hélio, minhas sólidas raízes perderam as certezas —
De quem eu era e de qual seria o meu lugar nesta terra de deuses prepotentes,
Que decidem, sem piedade, o sim e o não de tudo aquilo que na terra se pretende.

Pensei que meu lugar fosse ao teu lado, mas nunca mais retornaste.
Minha pretensão era que céu e terra pudessem se unir... que tolíce!
— É idealização, fantasia, confusão! — decretaram Eles.
Mas que audácia, menosprezar meu coração!
Admito viver um amor não correspondido,
Sem esconder-me na cômoda sombra de algo jamais existido,
Apesar de toda a minha dor.

Tu te divertes ao mirar-me de longe, do alto, com tua luz e autoridade.
Às vezes, brincas comigo, acaricias-me com mãos quentes,
Fazendo-me perder as últimas sementes de sensatez do meu ser.
Imploro atenção, permeada de nostalgia.
Te divertes, sabendo que meu olhar te segue — do nascer ao pôr do dia —

Pois à noite, ai de mim, não sei por onde andas.
Esqueces-me, e te deleitas em outros leitos, em outras varandas.

Caro Hélio, eu sei: foi amor o breve instante que juntos vivemos.
E, apesar de toda a luz que me emanas, não consegues me ver...
É amor. Não há outra designação para a tristeza que me consome.
Cegada pela ira do abandono e da pertinácia, fui punida:
Transformaram-me em flor, que em eterno, carregará o teu nome.





— Apresentamos o Poema —

Jaçanã

Por Maria Monfrinati

Maria Monfrinati tem 32 anos, é brasileira, vive na Itália há dez anos. A paixão pela escrita sempre esteve presente em sua vida, mas foi nos últimos anos que amadureceu e ganhou espaço. Ao transformar sentimentos em palavras, encontrou nos poemas, pensamentos e textos aleatórios uma forma de dar voz ao coração. Para ela, na escritura é necessário ser paciente, tudo tem o seu tempo: o tempo de tomar consciência, o tempo de criar coragem e o tempo de finalmente escrever.



Minha saia rodada e bordada
Desnorteia o homem que passa.
Do norte ao sul,
Puros índios, ousados ingleses —
Qualquer cortejador
Arrebato cruelmente
Nas profundezas de um obscuro amor.

Dou à luz,
Mas a luz me é negada,
Porque sou dama da noite,
E escolha alguma me é dada.

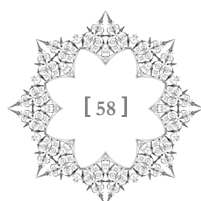
Prego a Jaci que me vigie,
Prego perdão, porque sou impiedosa,
Porque sou leve e leviana,
Porque me entrego às fraquezas
Traíçoeiras de minha alma profana.

Mergulho nesta água de ilusão
Em busca de redenção,
De consumação,
De possessão,
De realização.

Jaçanã me chamo.
A Vitória quer me chamar,
Mas vitoriosa rainha já sou —
Porque mato e morro,
Porque sou índia guerreira,
Porque minhas tintas raízes são de negra:
Oxibata, a curandeira.

Sou Branca Cândida, sou Rosa Morena,
Sou lacustre desta terra.

Aguapé, Irupé — chama-me como e quando quiseres,
Porque virei sempre a possuir-te,
A mais viril e divina entre as mulheres





— Apresentamos o Poema —

Jardim da minha infância

Por Mikaely Daitenshi

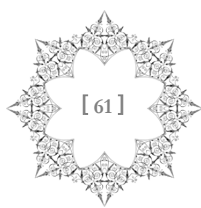
Formada na UEL em Letras Anglo-Portuguesas. Tem pós-graduação em Metodologia do Ensino Superior. Por vontade de Deus, cursou Teologia no Instituto Paulo VI de Londrina. Lecionou Português Inglês no ensino fundamental e secundário. Ama a Literatura e a Palavra de Deus.



Era uma casinha amarela,
com gerânios vermelhos no parapeito das duas janelas
na frente dela,
uma varanda ampla
com piso lajetada da cor cerâmica.
Havia uma pequena escadinha de três degraus
que dava para o jardim
tão bem cuidado, com suas rosas selvagens
coloridas e margaridas brancas
e, no meio do jardim, as três flores
donas da casinha: duas gêmeas e uma de origem nipônica.
Brincavam com as rosetas
a fazerem guirlandas para suas cabeças
a se adornarem semelhante aos gregos.
Riam e divertiam-se
colocando uma na outra
coroinhas em suas cabeças, confeccionadas por elas.
Imaginavam-se princesas.
As três flores, donas da casinha amarela,
cobriam suas saias de rosinhas e margaridas brancas.
Um festival de flores, nesse jardim,
que o jardineiro, com esmero,
dedicara muito tempo a cultivar.
Traziam suas bonecas para enfeitar-lhe os cabelos
e riam risos sonoros,
as gêmeas imitavam cachorrinhos latindo
e a nipônica imitava gatinhos, miando no meio das flores.
Às vezes, assoviavam com os passarinhos.
Linda infância de suas vidas
a qual iriam lembrar-se para sempre
em seus mais lindos sonhos oníricos,
até que o computador chegasse

e roubasse muito tempo de suas adolescências.

E a casinha amarela com gerânios vermelhos nas janelas
e seu jardim encantador, com frequência,
apareceria em suas mentes ,
toda vez que um sonho a alcançar
fizesse parte de suas vidas.





— Apresentamos o Poema —

A linguagem das flores

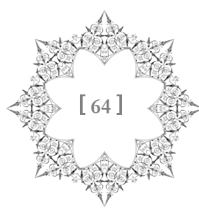
Por Neyreid Maltauro

Neyreid Maltauro, natural de Itanhandu - MG, professora de História, com especializações em cinco áreas da educação. É autora apaixonada por palavras que resgatam memórias e sentimentos. Acredita na literatura como ponte entre tempos, pessoas e mundos.



Há quem diga com palavras,
mas há também quem diga com flores.
Elas falam sem boca,
tocam sem mãos,
sentem sem som.
Uma rosa, por exemplo,
nunca se apressa.
Vermelha, ama.
Branca, silencia.
Amarela, sorri com lembranças antigas.
Girassóis são gente que acorda cedo
e acredita na luz,
mesmo quando o dia está nublado.
Já as margaridas...
Ah, as margaridas são como crianças —
acreditam.
Pulam nas poças da alma
sem medo de sujar a ternura.
Os lírios caminham devagar,
levam paz nos ombros
e elegância nos gestos.
Tulipas não pedem licença.
Chegam plenas,
sem precisar provar nada.
E há também os cravos,
que sabem ser inteiros
mesmo nas ausências.
Falam de amizade com raízes fundas.
Cada flor carrega um segredo,
um modo de dizer o que o peito,
às vezes, não sabe traduzir.
Flores não são enfeite.

São pontes.
Entre o sentir e o dizer.
Entre o gesto e o afeto.
Entre quem somos
e quem oferecemos ao mundo.





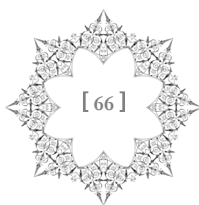
— Apresentamos o Poema —

Dente de Leão

Por Nia

Nia é escritora, poeta, educadora e pesquisadora nascida no bairro do Jabaquara, zona sul de São Paulo. Suas obras abordam ancestralidade, resistência feminina, religiosidade afro-brasileira e vivências neurodivergentes. Pessoa com deficiência (autista), construiu uma trajetória marcada por sensibilidade, militância e profundidade poética. Acompanhe seus escritos no Instagram: @escritorania.

Você pode estar no campo aberto,
sem grades, sem muros,
pode estar entre frestas de terra
que resistem à selva de pedra.
Seu movimento é uma dança,
seja por ventos fortes ou sobre uma brisa.
Essa é sua rebeldia,
a resistência
e permanência.
Dente de leão,
resiste ao frio,
guarda o sol na memória,
se espalha em liberdade
e por ela se deixa guiar.
Em sua simplicidade,
se evidencia o belo.
Sem mapa, sem destino,
sem bússola ou direção,
ensina que existir
também é flutuar.





— Apresentamos o Poema —

Ferida em flor

Por Rachel Carvalho

Rachel Carvalho, natural de Campos dos Goytacazes, RJ. Professora, Aromaterapeuta e Psicopedagoga. Publicou artigos científicos e poesias. Descreve de forma leve, crítica ou inusitada as belezas cotidianas.



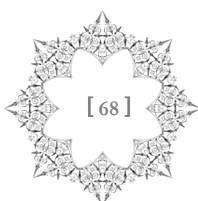
Na esquina da vida,
escorrego em versos.
Topo em uma margarida — e ela morde.

Sinto-me amarela por dentro
(e o céu, lá fora, cinzento)
me diz que fui mordida.
A ferida cheira a terra molhada,
como se a dor tivesse raízes
e chorasse em silêncio.

Sou semente, caule e folha
num vaso de vidro —
cresço torta... e viva!
Às vezes, desfolho minhas dúvidas
como quem espera um sim
de pétalas caladas.

Sem devolver a mordida,
observo:
minha cicatriz, em flor, canta em latim —
idioma que sangra quietamente,
mas faz orações no escuro.

Entre rachaduras do vaso,
escorre poesia.
A dor, agora musgo,
recobre o que um dia foi rachadura.
E eu, flor amarela,
danço vulnerável ao vento,
com a luz atravessando
a sutileza das ausências.





— Apresentamos o Poema —

Galanteio

Por Rodolfo Guimarães Neves

Rodolfo Guimarães Neves, nasceu em Olinda, Pernambuco. Advogado licenciado, Bacharel em Direito e em Economia, com especialização em Planejamento e Gestão Pública. Atualmente trabalha como servidor público federal. Teve poemas e contos selecionados em diversas antologias. É autor do livro de ficção científica "A Dinâmica Orgânica", publicado pela editora Ibis Libris em 2024. Publicou sua coletânea intitulada "Eles, Outros Contos e Poemas" pela Editora IGP. Foi o vencedor do concurso da Revista PUB 2023, na categoria teatro, com sua peça teatral "Resignação".



Minha linda pequena princesa
Para ter o coração da alteza
Dar-te-ei as rosas deste jardim
Serás meu florido serafim

Porém são todas iguais!
Mais do mesmo me chateia!

Dar-te-ei uma flor em cada dia
Ressaltarei os teus olhos verdes
Perfumarei tua pele macia
Tornarás o mais belo dos seres

De ti, só a Não-me-toque!
Mais do mesmo me chateia!

Irei tingi-las com as auroras
Toda manhã, uma diferente
A fim de iluminar as tuas joias
O teu vestido, como tua mente

Contudo, ainda são flores!
Mais do mesmo me chateia!

Então, eu te darei o meu amor
Se quiseres, novo surgirá
Inigualável como uma flor
Como uma aurora nascerá

Hummm...

Essa alegria nunca me chateia

Luminoso e perfumado lar
É o que agora te quero dar
O meu amor e uma casa cheia!





— Apresentamos o Poema —

À minha volta

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



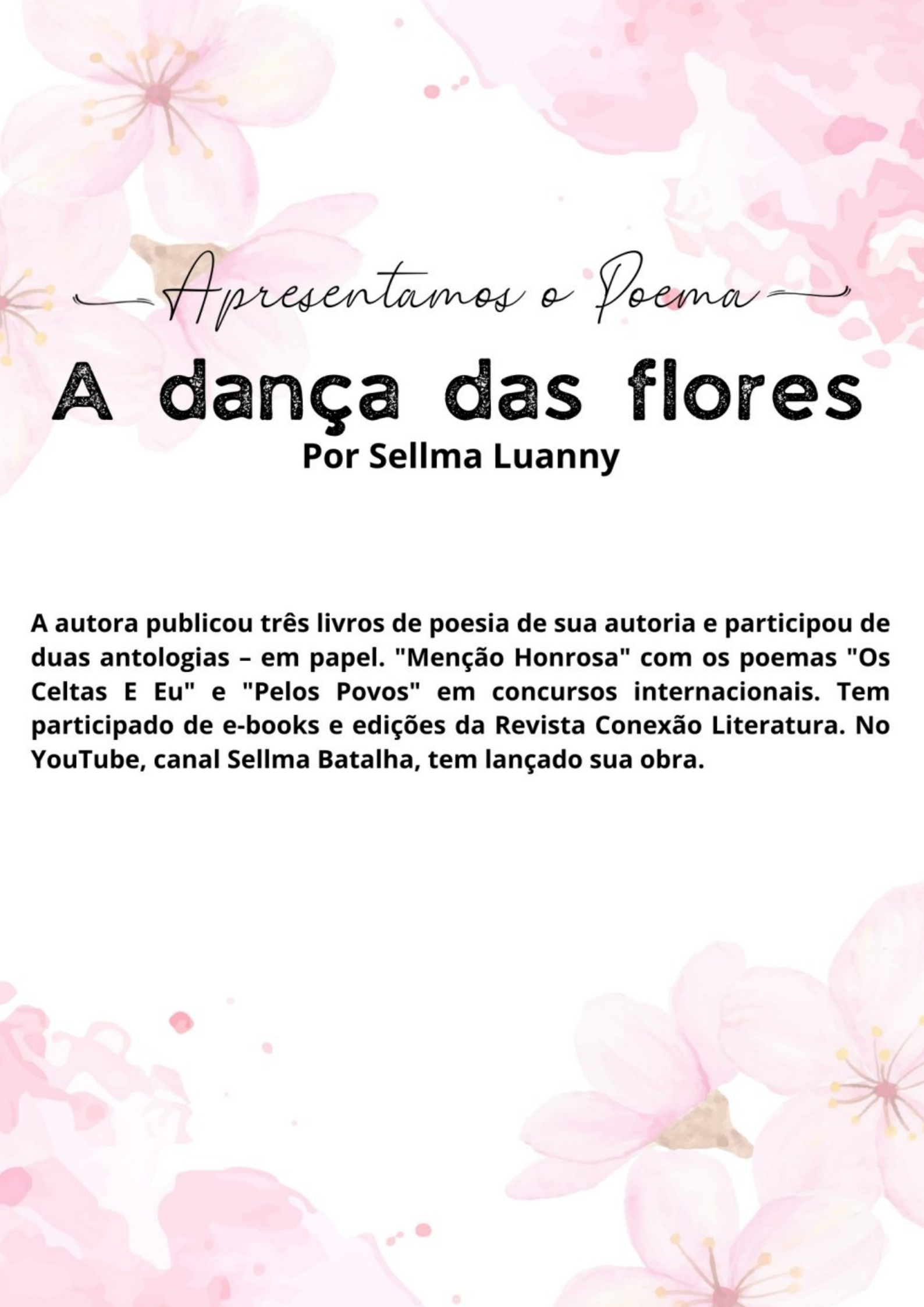
À minha volta
parece às vezes dançar
o espaço...
e recessos no meu ser,
ocupar...

Eu achava que tinha poder
de qualquer dança, iniciar...
um jardim ou um cenário
no meu imaginário
sempre conseguir desenhar.

Percebi então
que o que toco
- planta ou animal -,
nem sempre floresce
pelo meu querer.

Forças e armas invisíveis
comigo acabam por brincar.
Natureza Vida e o Universo
a tudo, superiores.



The background of the entire page is a soft, artistic illustration of pink cherry blossoms. Some flowers are in full bloom, showing delicate petals and yellow stamens, while others are in various stages of opening or falling, creating a sense of movement and natural beauty. The colors range from light pink to a slightly deeper shade, with some darker pink accents.

— Apresentamos o Poema —

A dança das flores

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Onde quer que estejam
elas dançam... Pois não é?
São da arte da dança
e da pintura, mestres.

E o seu perfume
inebriante ou fugaz
chama pela atenção
especiais viventes.

Não importa a origem...
se selvagens ou não.
São mestres no trato...
levando à admiração.

Com ou sem vento, bailam...
Presença e completude...
pela beleza não só...
para tantos, sobrevivência...

e pela magnitude de serem,
da vida, fontes... sementes geram
que então se dispersam
na perpétua procriação.





— Apresentamos o Poema —

Margaridas... Como eu

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Quando me dei conta das flores
e a admiração por elas, começou
já era menina grande... quase
à adolescência, adentrando.

As margaridas de brancas pétalas
e amarelado centro, a minha atenção
logo chamaram ... era comuns... mas
sem mais nem menos, me atraíam.

Nasciam em quaisquer lugares...
de especiais cuidados não careciam.
Ao menor vento bailavam... Não
sabia e ainda não sei, se perfumam.

A elas me liguei e a ligação persistiu.
Talvez nelas me veja – corpo ou espírito?
Profunda análise, suscita... a aparente
simplicidade ou a dualidade, seria?

Sem maiores jardins, riquezas e mãos
hábeis... no trato, no conforto e na rega...
secundários papéis assumem...
e o todo, com candura, completam.





— Apresentamos o Poema —

Só simplicidade?!

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Sim Manuel, como você, à procura...
pelo simples e singelo...

Não muito mais eu espero...
pelo honesto, pela verdade?

Pela justiça... para todos...
equidade primariamente?

Difícil?!... e muito!... sei...
mas, mais o que esperar?

No complexo âmago da vida...
a simplicidade... suficiente?

Ou simplicidade é tudo?
Se simples... para tudo, o começo.

Se não, emaranhado tudo fica...
e complicado se torna.

Mas, Manuel, querer é poder, certo?
Vamos pelo simples, começar...

E tudo poderá ser belo e delícia...
do simples e singelo... pura alegria!



The background of the entire page is a soft, artistic illustration of pink cherry blossoms. Some flowers are in full bloom, showing delicate petals and yellow stamens, while others are in various stages of opening or are simple pink petals scattered around. The overall tone is gentle and romantic.

— Apresentamos o Poema —

As flores do meu jardim

Por Vera Ribeiro

Vera Ribeiro foi alfabetizada por seu pai Amado, aos cinco anos de idade e muito cedo demonstrou interesse pelos livros, principalmente pela literatura de cordel, pois ele levava os folhetos para casa e lia para os filhos.

Aos dez anos, já escrevia poemas e cordéis sobre os fatos que aconteciam ao seu redor.

Começou a registrar, de algum tempo para cá, por incentivo de familiares e amigos.

A autora escreve sobre a dor da perda, o cotidiano, resiliência e a necessidade de ressignificar a vida.

No jardim da minha vida
Muitas flores encontrei
Perfumadas, coloridas
Com todas, eu me encantei
E, apesar dos espinhos
Os entraves, superei

As flores significam
Abraços da natureza
Trazendo perfume e cor
Com toda a sua beleza
Encantando toda a gente
Com a sua delicadeza

As flores trazem alegria
Perfeição do Criador
Leveza para o dia a dia
Paz, pureza e amor
Nascem, renascem e florescem
Fonte de energia e calor

Meus pais são os meus lírios
Da alma, toda pureza
Exalando a sua fragrância
E toda a sua beleza
Perfumando o ambiente
Enfeitando a natureza

Meus irmãos são as hortênsias
Sinais de felicidade
Representam o amor
Com toda simplicidade
Respeito e gratidão
E muita fraternidade

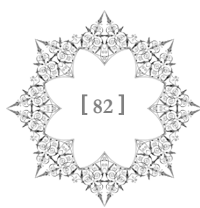
Meu marido é o girassol
Emana muito calor
Meu companheiro leal
Na alegria e na dor
No coração, a grandeza
Sinceridade e amor

Meus filhos são as minhas rosas
As mais belas do meu jardim
Representam o sentimento
O amor que jamais terá fim
Que cresce e floresce sempre
E está além de mim

Meus netos são as margaridas
São o carinho inocente
Simbolizam a juventude
São belos e transparentes
Bondosos e afetuosas
São o amor envolvente

Os amigos são os ipês em flor
Irradiam alegria e cor
Resistentes às tempestades da vida
Enchem meu coração de luz e amor
Marcam presença na memória
E fazem parte da minha história

Como os ipês, que brotam na primavera
Os amigos trazem vida e leveza
Com suas cores vibrantes e seu perfume
Preenchem minha vida com tanta beleza
Deus, família e amigos
Para mim, são a grande riqueza.



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI